



**DÉBORA DO COUTO PEREIRA**

**DA DESCONSTRUÇÃO DE PARADIGMAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM À  
AVALIAÇÃO COMO REFLEXO DE UMA PRÁTICA:  
O CASO “BOLA DE CRISTAL”**

**Bagé  
2015**

**DÉBORA DO COUTO PEREIRA**

**DA DESCONSTRUÇÃO DE PARADIGMAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM À  
AVALIAÇÃO COMO REFLEXO DE UMA PRÁTICA:  
O CASO “BOLA DE CRISTAL”**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação e Diversidade Cultural da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título Especialista em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francéli Brizolla

**Bagé  
2015**

**DÉBORA DO COUTO PEREIRA**

**DA DESCONSTRUÇÃO DE PARADIGMAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM À  
AVALIAÇÃO COMO REFLEXO DE UMA PRÁTICA:  
O CASO “BOLA DE CRISTAL”**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação e Diversidade Cultural da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título Especialista em Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 19/11/2015

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francéli Brizolla  
Orientadora  
(Unipampa)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudete Lima Martins  
(Unipampa)

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Aline Quintana Gonçalves  
(SMED - Bagé)

Dedico este trabalho a todos que acreditam em mim, principalmente, meus pais Clênera do Couto Pereira, Carlos Danilo de Oliveira Pereira e meu irmão Denis do Couto Pereira.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar é importante e necessário reconhecer que não se faz nada sozinho. Nada mesmo! Sempre precisamos uns dos outros e nas mais diversas formas. Por exemplo, para a construção desta pesquisa, precisei da contrapartida de muitas pessoas e algumas (ainda) não têm ciência o quão sua ajuda fora preciosa para o amadurecimento deste trabalho.

Ao “Bola de Cristal”, sujeito da pesquisa, pela generosidade em permitir-se ser a mola mestra desta análise.

À família de “Bola de Cristal”, pela disponibilidade e acolhida para a realização deste estudo.

À Escola de “Bola de Cristal”, a qual nunca, em momento algum, negou ou impediu-me de acessar suas dependências, documentos e professores.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dulce Voss, por tamanha dedicação ao grupo em todo o processo do curso, não medindo esforços à amplitude das nossas ideias, concepções, entendimento sobre as coisas. Valeu (muito) a pena!

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francéli Brizolla, pela liberdade e entendimento na pesquisa. “Como foi bom trabalhar ela!”

Aos demais Professores, quanta sabedoria, quanto conhecimento. Foram maravilhosos.

Às minhas colegas e amigas, Caroline Soares e Semíramis Corrêa, “parceiras” de estudo e discussão em nossos momentos de escrita na Biblioteca da Urcamp.

Ao meu paciente e dedicado namorado, Eurico de Oliveira Gonçalves, pela grandiosa compreensão, atencioso ouvido e carinhosa espera.

Muito obrigado!

## RESUMO

Este trabalho é a explicitação de um processo de estudos e amadurecimento sobre os discursos da Educação Inclusiva, traduzido como investigação científica por meio de pesquisa, com o intuito de concluir o Curso de Especialização em Educação e Diversidade Cultural da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Esta Monografia teve como objetivo analisar a vida escolar de um adolescente com deficiência, este matriculado em uma escola municipal de ensino fundamental da cidade de Bagé/RS, definindo como ponto de partida à pesquisa, o bom resultado quantitativo de suas avaliações em algumas disciplinas do currículo. Para isso, foram realizadas observações *in loco* na sala de aula do sujeito da pesquisa, conversas com a família, analisados resultados avaliativos por meio de boletins trimestrais, documentos escolares como Regimento Escolar, Projeto Político Pedagógico, Projetos Anuais e seus subprojetos e realizadas entrevistas semiestruturadas com os professores das disciplinas de matemática, português, ensino religioso, educação física e geografia, bem como o Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola. A partir desta geração de dados, o trabalho relata a vida do adolescente investigado, contextualiza a instituição da pesquisa e faz referência legislativa e histórica ao tema abordado. Com isso, a discussão exposta neste escrito aborda a desconstrução de barreiras à aprendizagem e debate o quanto a avaliação pode ser um reflexo da prática docente, a partir da análise de cada disciplina observada. Ao final, conclui-se sobre a necessidade de estimular a autonomia do aluno, foco da pesquisa, conclamando as partes que constituem seu entorno, ou seja, família e, principalmente, a escola.

Palavras-Chaves: Educação inclusiva, Desconstrução de barreiras, Ensino e aprendizagem, Deficiência física.

## **ABSTRACT**

This work is the specification of a process of study and ripening on the speeches of Inclusive Education, translated as scientific research through research, in order to complete the Specialization in Education and Cultural Diversity at the Federal University of Pampa (Unipampa). This monograph aims to analyze the school life of a teenager with disabilities, this enrolled in an elementary school public school in the city of Bagé / RS, setting as a starting point for research, good quantitative results of their assessments in some disciplines curriculum. For this, observations were made on the spot in the classroom of the research subject, conversations with family, analyzed evaluative results through quarterly newsletters, school documents as School Rules, the Pedagogical Political Project, Annual Project and its subprojects and performed with teachers of mathematics, Portuguese, religious education, physical education and geography, as well as the Educational Service Specialist (ESA) school. From this generation of data, the paper reports the teen's life investigated, contextualizes the institution of research and makes legislative and historical reference to the topic discussed. Thus, the discussion in this written exposed addresses the deconstruction of barriers to learning and debate how the assessment may be a reflection of teaching practice, based on an analysis of each observed discipline. Finally, it is concluded on the need to foster student autonomy, research focus, calling the constituent parts of their surroundings, and, family, and especially the school.

Key Words: Inclusive education, Deconstruction barriers, Teaching and learning, Physical disability.

## SUMÁRIO

<b>1. O COMEÇO DA MÍSTICA .....</b>	<b>11</b>
<b>2. DOS FATOS VISTOS AO ENCANTAMENTO .....</b>	<b>13</b>
2.1. A VIDA COMO ELA É .....	14
2.1.1. O CASO "BOLA DE CRISTAL" .....	14
2.1.2. A "ESCOLA DO CASO" E O ACIDENTE DE TRÁFEGO .....	16
<b>3. ENTRE A TEORIA E A REALIDADE: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO À REFLEXÃO DO "ESTUDO DO CASO" .....</b>	<b>19</b>
<b>4. PERCEPÇÕES E REFLEXÕES SOBRE A REALIDADE INVESTIGADA: ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA .....</b>	<b>26</b>
4.1. OS DOCUMENTOS DA "ESCOLA DO CASO" .....	26
4.2. AS OBSERVAÇÕES NA "SALA DE AULA DO CASO" .....	26
4.2.1. MATEMÁTICA .....	27
4.2.2. PORTUGUÊS .....	29
4.2.3. ENSINO RELIGIOSO .....	31
4.2.4. ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO.....	32
4.2.5. EDUCAÇÃO FÍSICA .....	32
4.2.6. GEOGRAFIA.....	33
4.3. OS PROFESSORES E O <i>ESTRANHO FICHÁRIO</i> .....	34
<b>5. O FIM DO CASO (?) .....</b>	<b>37</b>
<b>6. REFERENCIAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>41</b>
APÊNDICE A - DIÁRIO REFLEXIVO SOBRE OBSERVAÇÃO NA SALA DE AULA DE BOLA DE CRISTAL .....	41

APÊNDICE B - QUESTIONAMENTOS AOS PROFESSORES - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA .....	46
APÊNDICE C - BOLETINS TRIMESTRAIS .....	48
APÊNDICE D - RELATÓRIO DO AEE.....	49

## 1. O COMEÇO DA MÍSTICA

A proposta deste trabalho teve origem a partir da convivência com Bola de Cristal<sup>1</sup>, um adolescente de 17 anos de idade, com deficiência e portador<sup>2</sup> de um estigma histórico baseado no paradigma sob o qual se acredita que, aquele que tem deficiência física, herda também (“por tabela”) uma deficiência intelectual. Diante disto, esta pesquisa dedicou-se, justamente, a analisar a vida escolar desse aluno, definindo como ponto de partida, o bom resultado quantitativo de suas avaliações nas disciplinas de português, matemática, ensino religioso, geografia e educação física<sup>3</sup>, estas selecionadas conforme o boletim escolar, e, também a aula do atendimento educacional especializado (AEE). Esses espaços escolarizados são contexto para a pesquisa por muito ouvir os questionamentos da família em relação aos poucos reflexos do desenvolvimento da aprendizagem escolar de Bola de Cristal em casa, nas atividades rotineiras e, principalmente, dedico o tempo deste estudo a ele por acreditar em suas habilidades enquanto sujeito.

Ainda, conforme a literatura histórica da Educação Especial, e este é um dos muitos paradigmas a ser superado principalmente pela escola, a *priori*, os estudantes com realidades semelhantes a de Bola de Cristal sofrem um pré-conceito primeiramente por causa da sua aparência física, pois esta, ao olhar dos demais, é a porta de entrada para a categorização de deficiente. A partir deste momento, então, instala-se o problema despertado por determinadas antecipações de resultados desenvolvidas pelo ser humano, que são as (ou a falta de) atitudes depreendidas de rotulagem em relação ao que os olhos enxergam a partir do que é oferecido por

---

<sup>1</sup> Codinome dado ao sujeito da pesquisa a partir do poema de Mario Quintana, o qual consta na epígrafe do item 3.1 deste trabalho e onde se encontra a explicação quanto ao uso da presente analogia.

<sup>2</sup> Neste momento da discussão teórica, utilizo este termo - portador - de forma intencional. Por quê? Pela definição literal do dicionário, como um conceito mais geral, Ferreira (2008, p. 643), a palavra “portador” significa “que ou aquele que conduz ou leva alguma coisa”. Sasaki (2003, p.4) diz que “o termo “portadores” já vem sendo questionado por sua alusão a carregadores”, pessoas que “portam” (levam) uma deficiência”, assemelhando-se com a primeira definição e atenta para a valorização do entendimento de portar uma da deficiência. Por toda a história em relação à nomenclatura para referir-se a uma pessoa com deficiência, “no maior evento (“Encontrão”) das organizações de pessoas com deficiência, realizado no Recife em 2000, conclamaram o público a adotar este termo. Elas [as pessoas com deficiência (grifo meu)] esclareceram que não são “portadoras de deficiência” e que não querem ser chamadas com tal nome. (SASSAKI, 2003, p.5)

<sup>3</sup> Estas disciplinas foram escolhidas pelo resultado quantitativo, como diz o parágrafo do texto, mas as aulas de geografia e educação física foram observadas por comentários tanto da cuidadora do Bola de Cristal em sala de aula, quanto de sua família, com relação à dedicação e atenção desses professores com o sujeito desta pesquisa. As demais disciplinas não foram escolhidas para a análise por compreender que as assistidas contemplavam o que problematiza este trabalho acadêmico.

peças como Bola de Cristal a primeira vista; a deficiência. E, em se tratando de espaço de aprendizagem, tal estranheza ou impacto deveria ser à primeira barreira superada.

Diante do exposto e a partir da vivência com o sujeito da pesquisa, surgiu a necessidade de realizar este trabalho, o qual vai de encontro com alguns aspectos da realidade escolar analisada e com outras tantas práticas de ensino e aprendizagem desenvolvidas com esse adolescente incluído na instituição. Assim, foram elencados alguns questionamentos constituintes do processo desta pesquisa em que interpelo o porquê das avaliações serem tão limitadas na vida escolar ao ponto de não refletirem outras realidades do aluno? Por que quanto mais específica é a necessidade de aprendizagem de um estudante, mais limitado torna-se seu acesso às metodologias empregadas para o seu desenvolvimento como um todo? Por que é ainda tão complexo compreender que o ser humano possui muitas habilidades e que em alguns casos estas não são visíveis à primeira vista, elas precisam ser desbravadas?

Enfim, diante destas preocupações, abrir caminhos em meio às barreiras, contribuir para a superação do ideário paradigmático de cerceamento intelectual do aluno Bola de Cristal, além de ser um instrumento que reflita sobre as práticas escolares, são os caminhos ofertados por esta monografia.

Para isto, foram utilizados como base, referenciais da educação inclusiva como Beyer (2005), o qual trata sobre a inclusão e a avaliação na escola; Carvalho (2000) que disserta sobre a remoção de barreiras para a aprendizagem; Martín, Jáuregui e López (2004) que, por sua vez, trazem esclarecimentos sobre a incapacidade motora e como lidar com isto na instituição escolar.

Ainda pensando na contribuição desta pesquisa para a escola, quero ressaltar que a intenção é desmistificar o primeiro olhar ao estudante deficiente<sup>4</sup>, pois não considero adequado à área da educação conceber a expressão “a primeira impressão é a que fica” como justificativa para uma prática falida, simplesmente, porque acredito nas demais que virão ao longo de muito trabalho, e por compreender que

---

<sup>4</sup> Neste momento generalizo o público intencionalmente, pois espero que através da experiência de Bola de Cristal, esta contada e analisada neste trabalho, práticas pedagógicas possam ser revistas.

[...] a escola inclusiva ou a escola com uma proposta de inclusão escolar tem se proposto (ao menos paradigmaticamente) a atender todas as crianças, sem qualquer exceção. Neste sentido, não determina distinções de espécie alguma, no que tange às características diversificadas de aprendizagem de seus alunos. (BEYER, 2005, p. 13)

E é, também, por compreender que a etapa da adolescência é uma fase da vida permeada por muitas descobertas, inquietações e escolhas, que faço um exercício para ao menos tentar imaginar como se constitui o sujeito, em meio a tantos pré-julgamentos, quando este ainda arrasta o estereótipo de ser um incapaz intelectual, por causa de sua aparência física. Não deve, de fato, ser fácil, muito menos agradável estar em tal situação, principalmente, no contexto de sala de aula, a qual se propõe ser um espaço de ensino e aprendizagem para todos que dela participam.

Enfim, compreender as relações citadas, os abismos enfrentados, a vida como pode ser vivida a partir do uso das lentes da inclusão, constroem os desafios desta pesquisa. Esta traz o propósito de reconhecimento dos espaços de sala de aula enquanto manancial à reflexão das questões da aprendizagem para todos a partir da experiência de Bola de Cristal.

## 2. DOS FATOS VISTOS AO ENCANTAMENTO

Este trabalho constitui-se a uma perspectiva de desconstrução a respeito de determinados paradigmas excludentes no âmbito da educação, principalmente, do processo ensino-aprendizagem, os quais se deleitam sobre arcaicos entendimentos categóricos e limítrofes do conhecimento humano, reduzindo um estudante com deficiência a (quase) um incapaz intelectual. Por este motivo, esta pesquisa discute sobre a Educação Inclusiva, para colaborar na construção de um novo olhar e que possa ser contemplativo às práticas do sujeito deste trabalho, o qual é aglutinador de muitos potenciais.

Diante desta compreensão e conforme embasamento em Lüdke & André (1986) e Gil (2002), para esta pesquisa de natureza qualitativa, foi realizado um estudo de caso<sup>5</sup> através de observações em sala de aula, aplicação de questionários a seis professores, os quais trabalham com Bola de Cristal e, ainda, análise documental por meio de provas de aferição de conhecimento, boletins, relatórios, como forma de coleta de dados<sup>6</sup> para o desenvolvimento desta investigação.

Ainda sobre os instrumentos de análise, quanto às entrevistas, as mesmas foram enviadas por e-mail aos seis professores assistidos durante as observações como meio de obter a visão dos docentes sobre a prática da inclusão na sua sala de aula, considerando o caso do aluno Bola de Cristal. Deste universo, entretanto, apenas um professor deu retorno com respostas.

Basicamente, as questões dirigidas aos professores versaram sobre:

1. Percepção sobre o desenvolvimento/aprendizagem do aluno;
2. Planejamento didático-pedagógico para o trabalho com o aluno: adaptação/flexibilização curricular;
3. Apoios disponibilizados pela escola ao trabalho do professor;
4. Relação entre a prática em sala de aula com o aluno e o serviço de Atendimento Educacional Especializado (AEE);
5. Metodologia de trabalho didático com o aluno; e
6. Modo de avaliação empregado no trabalho com o aluno.

---

<sup>5</sup> “[...] consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]” (GIL, 2002, p.54), esclareço ainda que este tipo de trabalho “[...] é encarado como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos”. (GIL, 2002, p.54 *apud* YIN, 2001)

<sup>6</sup> O material completo está nos Apêndices deste trabalho.

Estes dados foram analisados com o objetivo de provocar à reflexão sobre as práticas avaliativas, no processo de ensino e aprendizagem, desenvolvidas com potencial estudante incluído, sujeito desta pesquisa, o qual é matriculado em uma escola municipal de ensino fundamental da cidade de Bagé.

## **2.1. A VIDA COMO ELA É...**

### **2.1.1. O caso “Bola de Cristal”**

CLARIVIDÊNCIA

*O poema é uma bola de cristal. Se apenas enxergares nele o teu nariz, não culpes o mágico.  
(Mario Quintana)*

Bola de Cristal veio a este mundo em 02 de setembro de 1998, quinto filho de uma mãe acostumada a parir e pouco dedicada ao cuidado com os outros. Esta não se preocupou com sua gravidez muito menos com seu feto, encerrando a gestação com uma acentuada demora para o nascimento do guri<sup>7</sup> em questão.

Em função deste atraso, nos primeiros meses de sua vida, Bola de Cristal precisava de um intenso acompanhamento clínico, mas não acessou tal recurso porque, obviamente, não daria conta disso sozinho, e necessitava que outras pessoas auxiliassem-no, que, neste caso, deveriam ter sido os seus pais. Mas isto não aconteceu.

Enquanto o guri crescia e se desenvolvia diante de suas limitações, aumentava também a preocupação com a sua situação por parte do restante da família. Então, por volta dos 6 anos de idade a responsabilidade jurídica de Bola de Cristal passou a ser da sua tia-avó e, a partir deste marco, houve não só uma troca de endereços, mas, principalmente, uma troca no modo de ser enxergado e entendido nesse mundo que o acolheu no começo de um florescido setembro.

Diante destes acontecimentos, Bola de Cristal ganhou importância e reconhecimento, desenvolveu-se nutrido de dedicada atenção às suas necessidades afetivas, biológicas, cognitivas, enfim, foi impulsionado a crescer como qualquer outra pessoa da casa em que ainda hoje habita.

Sua primeira formação familiar (paterna e materna), com o tempo, desfez-se. Seu pai e dois de seus irmãos foram morar na Irlanda e sua mãe passou a residir no interior do município de Lavras do Sul. Dos outros dois irmãos; um deles mora até

---

<sup>7</sup> Termo regional do Rio Grande do Sul para caracterizar garoto, menino.

hoje em Bagé, o mais velho, fruto de outra união materna, pouco convive com o sujeito desta pesquisa. Já um terceiro, o qual também como Bola de Cristal, foi morar com a mesma tia-avó desde os três dias de vida, cresceu com muita proximidade e forte apego ao caçula descrito neste texto. Ainda, protagonista de uma vida com fortes emoções, esse seu irmão mais presente também foi residir na Irlanda junto com os demais há mais de um ano, restando somente Bola de Cristal no Brasil. E este, por sua vez, passou a regar uma absurda saudade dos seus com plena noção da distância que os separa.

Prosseguindo na história de vida deste nostálgico convicto, dirijo o olhar para sua experiência escolar, não que haja um rompimento com a vida pessoal, pelo contrário, sigo uma cronologia. Então, no início dos seus primeiros contatos estudantis, o sujeito em questão foi matriculado em uma escola municipal de educação fundamental (EMEF), onde estudou até o 5º ano e os relatos em relação ao seu desenvolvimento são os “melhores”, comentários estes realizados pela família, a qual percebia nas atividades do dia a dia a sua aprendizagem se desenvolvendo. Nessa instituição, ele tinha atenção redobrada e os olhares dos docentes destinados às suas habilidades, obtendo como reconhecimento desta etapa escolar o elogio de que foi muito bem alfabetizado, este advindo da Professora de português da sua atual escola.

Com o passar do tempo e com o avanço de seus estudos, aos 14 anos de idade, o guri mudou de instituição e passou a desenvolver suas atividades estudantis no 6º ano de outra EMEF, onde até hoje retorna todos os dias letivos do ano.

Enfim, diante dessa história de perdas e ganhos, Bola de Cristal não é um guri que colecione ressentimentos, que não se relacione com os outros, pelo contrário, ele é muito popular na escola, dono de uma simpatia sem tamanho, interage com pessoas de qualquer idade com muita disponibilidade e se pudesse ficaria o restante do dia na rua passeando. Quando não está na escola, Bola de Cristal fica em casa, pois, além de passear, gosta muito de “tirar uma soneca” às tardes, salvo os dias em que tem seus horários de aula. Ele não frequenta, agora, outros grupos de convivência em função da carência no seu deslocamento até a sede dos lugares, pois (ainda) não tem autonomia suficiente para andar sozinho na rua e depende, sempre, que alguém o leve. Na verdade, há uma discussão na

própria família em relação a esse tópico, onde uns defendem a tal autonomia e outros ainda não, e é (mais que) chegada a hora disso acontecer, na minha opinião.

Bola de Cristal não tem uma deficiência definida especificamente pela medicina, pois na avaliação médica<sup>8</sup>, além de constar seu problema motor principalmente na coluna, o qual é visível, inclui-se uma hipersensibilidade auditiva em um dos ouvidos, o que o faz não suportar barulhos demasiadamente altos. No restante, não há alterações clínicas.

Então, para finalizar esta contação, remeto meu pensamento ao poema que a inicia e acredito que o sujeito desta pesquisa é, metaforicamente, uma bola de cristal e explico: tal objeto traz a mística do mistério, do possível, das descobertas, de revelações, mas para que isto exista é necessário ter a crença. Caso não haja tal confiança, ou seja, não se tenha a mística na atitude do olhar, a bola de cristal será somente uma bola de vidro, na verdade. Com Bola de Cristal acontece de forma semelhante, pois se olhares para ele e enxergares somente sua deficiência, este será apenas o vidro que reluz a tua imagem. Mas, se conseguires transpor tal barreira e vê-lo a partir de suas habilidades, verás que um mundo de possibilidades lhe serão reveladas e ofertadas pelo simples ato de enxergar além do restrito.

### **2.1.2. A “escola do caso” e o Acidente de Tráfego<sup>9</sup>**

*Nós vivemos a temer o futuro; mas é o passado quem nos atropela e mata.  
(Mario Quintana)*

A instituição escolar, historicamente, tem sua gênese na finalidade fabril, com o objetivo de produzir mão de obra, balizada pela ideia de o que tem defeito deve ser substituído ou descartado. É horrível escrever isso, pior ainda é confirmar tal origem nas práticas escolares atuais. Porém, acredito ser válido trazer este tópico justamente para impactar e (re)pensar, através das palavras do poeta, em que momentos o passado pode (ainda) desacreditar o futuro? Em que situações, determinadas práticas escolares, “cheiram a mofo” pelo receio em sentir o “cheiro de tinta nova”?

Questiono, a partir desta metáfora, não com intuito de categorizar atitudes ou pessoas como eficientes ou não, obtendo como critério o tempo, mas para que a

---

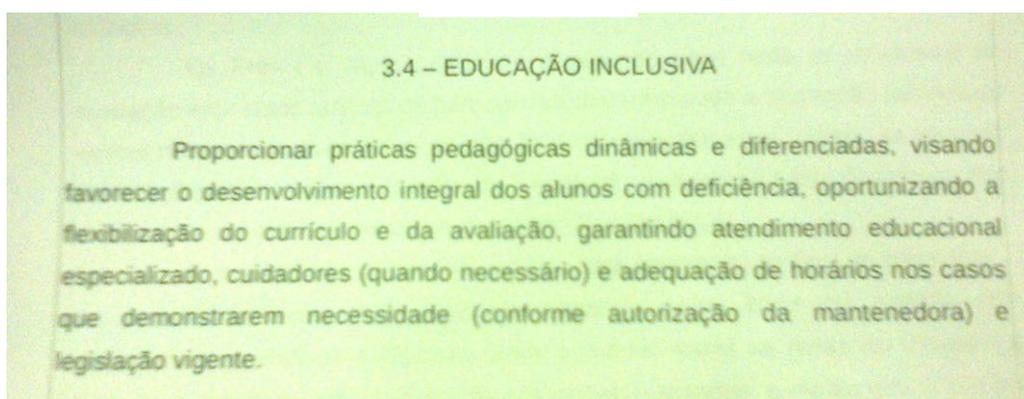
<sup>8</sup> Este dado foi obtido mediante conversa com a família do sujeito da pesquisa e verificação dos exames médicos realizados pelo mesmo.

<sup>9</sup> Nome do poema que está na epígrafe do texto.

escola, e tudo que a constitui, não concentre forças em apologias saudosistas, referentes aos meios de ensino e aprendizagem, como postura de reação ao novo, ao que está por acontecer, pois o incerto é parte da novidade e isto ocorre em todos os campos profissionais.

Diante da necessidade de um horizonte alargado, acredito que a escola municipal em que Bola de Cristal estuda, a partir da análise de seus documentos<sup>10</sup>, contempla a diversidade, demonstrando acentuada preocupação da instituição com as particularidades de seus alunos. E, por mais que o papel aceite todo tipo de escrita, ter, oficialmente posto (conforme Figura 1, referente ao Regimento Escolar), questões da diversidade nos registros documentais, é de um grande valor institucional para a educação, pois revela os princípios que devem nortear a escola.

Figura 1



Fonte: Regimento Escolar (2014)

Tal instituição, conforme Regimento Escolar, mantém em suas dependências a Educação Infantil (Pré I e II), Educação Fundamental e Educação Especial e, segundo seu Projeto Político Pedagógico, funciona em dois turnos (manhã e tarde), contando com o trabalho de 40 professores e 7 funcionários para atuarem na escola e um montante de 713 alunos matriculados.

O espaço estudantil citado acima faz parte de uma rede municipal com mais outras escolas (EMEF's)<sup>11</sup> assistidas pelo Setor de Educação Inclusiva da Secretaria Municipal de Educação (SMED). Tal setor teve seu início (ou sua reorganização) no

<sup>10</sup> Regimento Escolar (2014), Projeto Político Pedagógico (2015), Plano de Gestão (2015), Projeto Anual (2015) e seus subprojetos; Projeto Motivacional: "Grafite na escola" (2015) e Projeto: "Sexualidade no pressuposto da Diversidade e da Inclusão" (2015).

<sup>11</sup> As Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI's) não foram contempladas nessa para esta pesquisa.

ano de 2003, mas desde 1985 havia um trabalho voltado à educação especial na cidade de Bagé, onde o

[...] paradigma que se assentava para o atendimento propiciado às pessoas com deficiência era preponderantemente clínico e de funcionamento pedagógico diferenciado e isolado da proposta geral da escola. Nesta perspectiva, as classes especiais atendiam a uma diversidade de alunos com o aspecto em comum da não aprendizagem e este tipo de serviço perdurou até o ano de 2005 (GONÇALVES, 2014, p. 22)

Diante de uma crescente legislativa, muito foi conquistado ao longo dos anos no campo da Educação Inclusiva e as escolas municipais bageenses acompanharam tais avanços, principalmente a “escola do caso”, contexto desta pesquisa. Então, para ficar claro, apresento em uma ordem cronológica e objetiva dos pilares legislativos que nortearam tais mudanças desde a *Constituição Federal de 1988*, a qual ressalta o direito de uma educação para todos; passando pela *Lei 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*; a *Resolução CNE/CEB n.02, 2001*, a qual institui as *Diretrizes Nacionais da Educação Especial na Educação Básica*; em 2008, institui-se o marco da *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*; e, ainda no mesmo ano, surgem as *Diretrizes Operacionais da Educação para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Básica*, regulamentada pelo Decreto nº 6.571, de 18 de setembro de 2008 e, posteriormente, pelo Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011.

Enfim, como mencionado anteriormente e segundo Gonçalves (2014, p. 22), a cidade de Bagé, por meio da sua Secretaria de Educação, acompanhou tais mudanças no rumo do paradigma inclusivo e em 2004 “organiza e realiza o primeiro curso de formação para gestores e educadores” da rede. Já, no ano seguinte até 2012, adere ao “*Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade (MEC/SEESP)*”, o qual interfere na rede municipal de educação no que diz respeito aos serviços destinados à Educação Especial”.

É diante deste contexto macro, o qual é também conectado com as mudanças mundiais na/da Educação Inclusiva, que se situa a prática da “escola do caso”, a qual está vinculada a contextos amplos, como é referenciado acima, onde se torna claro que sua ação no mundo não é isolada, pelo contrário, é reflexo de movimentos e preocupações ainda maiores que seu entorno.

### 3. ENTRE A TEORIA E A REALIDADE: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO À REFLEXÃO DO “ESTUDO DO CASO”.

DO GIGANTISMO

*Olha o que aconteceu com os Grandes Impérios!  
Por eles se vê que a mania de grandeza é sempre fatal.  
E espia só os iguanodontes, esses pesadelos ridículos...  
Se fossem do tamanho de lagartixas, existiriam até hoje.  
(Mario Quintana)*

Historicamente, a humanidade segmenta-se entre os melhores e os piores, os mais fortes e os mais fracos, entre iguanodontes e lagartixas, enfim, uma odisséia seletiva em busca do poder, seja este na escala que for, de modo a (tentar) imprimir uma (quase) superiorização<sup>12</sup> do ser humano em relação a ele mesmo. E, dentre muitos paradigmas construídos ao longo dessa história, do que “é certo ou errado”, do que “pode ou não pode”, do que “é aceito ou não” por um determinado grupo, este trabalho dedica-se a discutir sobre as barreiras estabelecidas mediante o olhar seletivo a um adolescente com deficiência, “o caso Bola de Cristal”. Este vem a ser considerado em sala de aula, em alguns momentos e por alguns professores<sup>13</sup>, como incapaz no desenvolvimento de suas múltiplas habilidades pelo simples fato de não interagir com o que lhe é proposto pelo docente naquele (restrito?) espaço de aprendizagem, (talvez) por uma empírica visão sobre o sujeito da pesquisa.

Diante desse contexto e como forma de aprofundamento para a situação aqui argumentada, trago um primeiro entendimento, definido através da Organização Mundial da Saúde (OMS), a qual apresenta uma abordagem sobre três termos linguísticos que circundam o universo da educação inclusiva.

- *Deficiência*: “Anomalia da estrutura corporal e da aparência, com perda ou anormalidade da função de algum órgão ou sistema, qualquer que seja sua causa”.

- *Incapacidade*: “Reflete a consequência da deficiência do ponto de vista do rendimento funcional e da atividade do indivíduo. As incapacidades representam os distúrbios no nível da pessoa”.

- *Restrição*: “Refere-se às desvantagens que o indivíduo experimenta como consequência das incapacidades. As restrições refletem a interação e a adaptação do indivíduo ao meio e vice-versa.” (MARTÍN, JÁUREGUI e LÓPEZ, 2004, p.13-14)

Questiono se é a deficiência a fomentadora de todos estes outros atributos responsabilizados a ela. Interpelo ainda se será a pessoa com deficiência, por causa

<sup>12</sup> Esta palavra consta no Vocabulo Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP).

<sup>13</sup> Veladamente, porque ninguém assume no verbo, tal fato.

da sua “anomalia”, a geradora de falhas no seu rendimento funcional, porque suas incapacidades representam seu nível. Qual é a nivelção? Quem mede? O que significa render funcionalmente? Para quem? Para quê? A “restrição”, por ser uma consequência da “incapacidade”, a qual existe, por sua vez, em função da “deficiência”, deixará a pessoa em desvantagem em relação ao seu meio? Interrogo se o entendimento acima pode ser considerado um espelho a muitas práticas, pensamentos e posturas escolares ainda em voga?

Trago tais críticas para começar a desconstruir paradigmas, primeiramente pelo elemento linguístico, o qual define conceitos não só como significado literal, mas principalmente na atuação dos sentidos dessas palavras no mundo, nas práticas, sejam elas escolares ou do dia a dia. Enfim, quero ressaltar que a deficiência de uma pessoa não a torna incapaz de aprender, pode limitá-la a realizar algo ou alguma coisa, mas não restringi-la da interação com o outro, especialmente em se tratando do contexto escolar.

Em muitos momentos, durante as observações que realizei na sala de aula de Bola de Cristal, percebi que o próprio (ou falta do) “olhar”<sup>14</sup> de alguns docentes restringia-o da interação com o conteúdo apresentado, da possibilidade de exploração do pensamento, por causa da sua possível “incapacidade” advinda da deficiência. O que, com os colegas e demais alunos da escola, não ocorre, não há tal barreira, pelo contrário, ele desenvolve belos laços de companheirismo.

Diante deste contexto, é que reflito a relevância do estudo aqui desenvolvido, pois, conforme Sobrinho e Naujorks (2001, p. 9), a “pesquisa, de um modo geral, só tem significado quando cumpre uma função social, contribui para modificar a realidade e propõe novos paradigmas”. Penso também nos obstáculos a (ainda) serem superados na educação de pessoas com deficiência, visto a experiência do aluno Bola de Cristal na escola onde estuda. Carvalho (2000) traz uma grande contribuição no que tange o entendimento das “barreiras à aprendizagem” (p. 58) e chama a atenção para os diversos olhares possíveis em relação aos impedimentos postos, colocados em desfavor do aluno.

Barreiras à aprendizagem (temporárias ou permanentes) fazem parte do cotidiano escolar dos alunos, (deficientes ou ditos normais) e se manifestam em qualquer etapa do fluxo de escolarização. Barreiras existem para todos, mas alguns requerem ajuda e apoio para seu enfrentamento e superação, o

---

<sup>14</sup> No sentido da atenção, dedicação ao aluno.

que não nos autoriza a rotulá-los como alunos “com defeito”. (CARVALHO, 2000, p. 58)

Compreendo que a diversidade é complexa, que a mesma abala a zona de conforto de qualquer pessoa e que “a perspectiva que se vislumbra é a de que as lutas continuarão intensas, pois é muito longo o caminho entre discurso e a prática” (CARVALHO, 2000, p. 21), mesmo assim, o diverso<sup>15</sup> não pode mais ser ignorado, extraído do universo das possibilidades e aprisionado como algo temeroso ao convívio, pois é presente, atuante e vivo, está em cada um de nós, nos muitos “Bola de Cristal” deste mundo. Não há como negligenciá-lo através das nomenclaturas degradantes do tipo “defeituoso”, “problemático”, “anormal”, enfim, nos distintos sentidos pejorativos atribuídos às pessoas.

Se quisermos identificar defeitos, talvez tenhamos que procurá-los no próprio sistema educacional ou na escola, seja pela ideologia que perpassa as decisões dos administradores, seja pelas condições em que o processo ensino-aprendizagem ocorre. (CARVALHO, 2000, p. 58)

Como meio à reflexão sobre o que impede o processo educacional de caminhar, Carvalho (2000, p. 57) diz que “inúmeros fatores geram barreiras ou obstáculos: alguns são intrínsecos aos alunos e outros (a maioria), externos a eles”. Para ampliar a discussão, Glat (1998 *apud* Beyer, 2005, p. 8), chama a atenção para um contexto nacional e ressalta que “sem uma modificação estrutural do sistema educacional brasileiro, a inclusão de alunos portadores de deficiências (...) nunca será concretizada”, mesmo diante de tantos avanços normativos (citados no item 2.1.2 deste texto), salvo os trabalhos em desenvolvimento, como é o caso da cidade desta pesquisa (também ressaltado no item 2.1.2), os quais, nem assim, tornam-se isentos dos percalços do sistema ao qual fazem parte. Desta forma, corroboro com Beyer (2005) quando diz que

a particularidade da experiência brasileira da integração ou inclusão escolar reside no fato de que sua história não se assentou sobre iniciativa de pais, familiares e escolas, porém foi articulada por estudiosos da área e técnicos de secretarias. (BEYER, 2005, p. 8)

Ainda, pensando nos entraves e voltando o olhar para o contexto de pesquisa, percebo também que, metaforicamente, outra das grandes limitações ao desenvolvimento do trabalho inclusivo está no modo de ver - “óculos” - que cada

---

<sup>15</sup> No sentido da diversidade e não como forma de criar categorias para as pessoas.

pessoa (professores, alunos, famílias, comunidades em geral) utiliza para compreender o outro. Será que, algumas vezes, esse olhar não foge à perspectiva de que “é o viver com os outros que vai nos permitir dar significados e significações a tudo que nos cerca” (CARVALHO, 2000, p. 22)? Com isto, não quero empregar um caráter de facilidade, por parte da análise acadêmica, à prática escolar, mas enfatizar que

O que se constata é que os obstáculos à aprendizagem não são exclusividade de cegos, surdos, retardados mentais, dos que têm paralisia cerebral, dos autistas, dos disléxicos, dos disgráficos, dos oriundos das camadas populares, dos que vivem em situação de desvantagem [...] (CARVALHO, 2000, p. 57)

É a sala de aula que é repleta de pessoas com necessidades educacionais independentemente de ter ou não deficiência, o principal aspecto, e talvez, o essencial de tantos paradigmas a serem desconstruídos, na minha visão de pesquisadora, reside (ainda) na celeuma da deficiência associada à incapacidade, como se ambas fossem sinônimas.

Diante dessa realidade, é interessante estilhaçar possíveis compreensões cerceadoras através de Mazzotta (2002), o qual esclarece que “uma desvantagem pode resultar da deficiência sem passar pelo estado de incapacidade”; alerta ainda que “uma deficiência pode ocorrer sem significar uma desvantagem” e que “certas desvantagens podem engendrar incapacidades, como também deficiências”. Ou seja, não se pode cerrar a vista por traz da cortina, é importante permitir-se enxergar além da deficiência e compreender que esta, num “cálculo rápido”, não tem a incapacidade como resultado, simplesmente, porque afirmar se alguém é capaz ou não de fazer algo parece-me mais uma necessidade do ego humano em decepar do que adubar para crescer.

Diante das desconstruções paradigmáticas abordadas a partir das observações do contexto de ensino e aprendizagem de “Bola de Cristal”, é interessante aprofundar um pouco mais a temática desta pesquisa, conforme sugere o nome do trabalho, e pensar nos reflexos advindos de uma prática escolar cerceada por barreiras. Em um universo de possibilidades, a avaliação constitui-se como um desses espelhos, a qual reflete os caminhos percorridos à prática da inclusão.

Beyer (2005 *apud* Bleidick, 1981, p. 91) reflete sobre a avaliação a partir de quatro paradigmas: o primeiro é o “clínico-médico”, o qual trata a deficiência a partir de uma concepção individualizada, destacando os aspectos clínicos preponderantes aos pedagógicos. E a avaliação, por sua vez, apreende-se da mesma forma; o segundo é o “sistêmico”, onde “a deficiência apresentada pelo aluno é avaliada com base nas demandas impostas pelo sistema escolar” (p. 91), ou seja, quem não corresponde ao currículo posto é selecionado ao fracasso; o terceiro paradigma é o “sociológico”, e traz o entendimento de que a “deficiência é interpretada por meio da reação do grupo social” (p. 92), então, a avaliação dar-se-á conforme esse grupo social; e, o quarto, o “crítico-materialista”, é a compreensão de que a “deficiência é encarada como um resultado da inaptidão produtiva do indivíduo” (p. 92), portanto, este não tem utilidade à sociedade do consumo.

Enquanto o primeiro paradigma faz sobressair a condição clínica, como determinante nas limitações individuais, o terceiro sobreleva as reações sociais diante da condição individual. Enquanto o segundo paradigma mostra a dinâmica entre os sistemas escolares (regular ou especial) como forma social de lidar com o sujeito (aluno) que “fracassa”, o quarto busca desvelar o conceito de deficiência como resultante de uma sociedade de classes que supervaloriza a produção e a aquisição de bens de consumo. (BEYER, 2005, p. 92)

Tais paradigmas “podem acontecer isoladamente ou de maneira sobreposta” (BEYER, 2005, p. 93), isto dependerá da constituição, estabelecida por esses, das “formas sociais e culturais de representar ou entender a pessoa que apresenta limitações funcionais” (BEYER, 2005, p. 92).

No caso “Bola de Cristal”, em relação a esses paradigmas, trago primeiramente o “clínico-médico”, o qual não se deflagra preponderantemente neste caso, mas percebe-se subentendido nos momentos que o docente não contemplava o sujeito da pesquisa em suas práticas de sala de aula. Já no tocante ao “sistêmico”, há uma flexibilização tímida do currículo de “Bola de Cristal”, mas não se constitui em algo a considerá-lo em suas habilidades, pois o mesmo, assim como seus colegas, cumpre uma carga horária fechada e engavetada por períodos de 45 minutos. Ainda no segundo paradigma, questiono o resultado constante no boletim escolar do aluno, o qual traz a definição das avaliações realizadas em sala de aula, tal resultado serviu como critério para a escolha das disciplinas a serem observadas nesta pesquisa. Mas, se, na maioria das aulas assistidas, “Bola de Cristal” não foi

considerado em suas necessidades educacionais, como pode não ter prejuízo numérico em seus resultados avaliativos? Há alguma falha neste sistema de avaliação? Este é o questionamento que me faço ao perceber que “Bola de Cristal” (assim como os demais colegas) é(são) avaliado(s), de fato, quantitativamente pela escola. Afinal, ele possui um grau de excelência em disciplinas as quais permanece em sala de aula sem a mínima atenção do professor e sem interagir com o que é proposto como conteúdo programático.

Em relação ao terceiro paradigma, o “sociológico”, “Bola de Cristal” transita muito bem entre os grupos, não possui dificuldade para se relacionar com as pessoas, pois ele mesmo vai ao encontro delas e tal postura não acontece somente na escola, é em todos os lugares por onde circula. Esse paradigma apreende muito do contexto como justificativa à prática, então, sua avaliação pode ser considerada como um reflexo do meio? Questiono, ainda, se Bola de Cristal possui proveitosos resultados avaliativos, por ter desprendido desempenho diante do coletivo? Pode ser, não há como afirmar categoricamente, mas será que tal “facilidade de convivência” pode levá-lo à aprovação, pensando nos padrões normativos de avaliação<sup>16</sup> estabelecidos pela escola?

E, em relação à capacidade de produção, do paradigma “crítico-materialista”, interrogo o que entende-se como produção? Com que objetivo? Torná-lo alguém cada vez mais capaz de consumir? Para quê? Então, Bola de Cristal é (ou traz) um prejuízo para a sociedade? Faço estes questionamentos, por compreender que, em muitas situações, um aluno poderá vir a ser avaliado pelo viés da produtividade, (escuta-se muito esta palavra em sala de aula, não é mesmo?) como se essa fosse sinônima de aprendizagem. E, então, volto a perguntar, que aprendizagem será esta se tiver uma linha de produção como meta? Acredito ser esta uma visão bem empresarial da escola, a qual enxerga o aluno como um produto a ser repassado ao mercado. Mas, esta é uma temática para outra monografia quão profunda poderá tornar-se tal discussão.

Então, “como se pode perceber, cada paradigma tem um impacto diferenciado nas formas sociais de a pessoa com deficiência ser avaliada” (BEYER, 2005, p. 93), no seu contexto de sala de aula enquanto sujeito-aluno. Por isso,

---

<sup>16</sup> Poderia, aqui, trazer muitas abordagens sobre a norma padrão das avaliações, mas não é o foco desta pesquisa. O objetivo é olhar para Bola de Cristal.

pensando pelo viés da diversidade, acredito que é importante um amplo estudo na maneira como Bola de Cristal é compreendido enquanto sujeito-avaliado, pois tais entendimentos, atitudes (sejam elas escolares e/ou familiares) têm relevantes impactos no mundo que esse sujeito enfrenta (e enfrentará) a cada dia da sua existência.

Claro está que, sem a mobilização dos grupos envolvidos, isto é, família, professores, especialistas, enfim, todos os sujeitos que se vinculam no cotidiano escolar, pouco se poderá esperar em termos da aplicação do projeto da educação inclusiva através de práticas efetivas de inclusão escolar. (BEYER, 2005, p. 9)

Diante disto, é salutar ressaltar que, entre muitos (ditos) responsáveis, (ainda) cabe à escola a quebra das barreiras à aprendizagem, de qualquer ordem. Se quebradas (aí entra o que seria a flexibilização curricular), qualquer aluno se desenvolverá dentro de suas possibilidades, mesmo os com deficiência, e, então, quebra-se o mito e passa-se a enxergar que o aluno com deficiência só terá necessidade especial se barreiras não forem quebradas. Porque,

[...] especiais devem ser consideradas as alternativas educativas que a escola precisa organizar, para que qualquer aluno tenha sucesso; especiais são os procedimentos de ensino; especiais são as estratégias que a prática pedagógica deve assumir para remover barreiras para a aprendizagem. (CARVALHO, 2000, p. 17)

Por fim, diante desta base teórica a qual sustenta a pesquisa, é importante salientar que sem uma (co-, re-)organização institucional, contemplar a diversidade na instituição escolar será menos prazeroso do que poderia ser. Abordo desta forma por compreender e acreditar que “todos somos absolutamente diferentes um dos outros e de nós mesmos, à medida que crescemos e nos desenvolvemos” (CARVALHO, 2000, p. 17) e que esta diferença é o que nos, contraditoriamente, aproxima, porque “somos todos especiais!” (CARVALHO, 2000, p. 17).

#### **4. PERCEPÇÕES E REFLEXÕES SOBRE A REALIDADE INVESTIGADA: ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA**

Neste momento da discussão, o propósito centra-se em formular uma análise triade que sirva como subsídio ao confronto das observações da pesquisa. Por isso, este tópico tem seu início a partir do olhar sobre os documentos da escola, em seguida, debruça-se sobre as observações realizadas em sala de aula e, por último, considerando o olhar docente, traz reflexões sobre as práticas escolares dos professores entrevistados.

##### **4.1. Os documentos da “escola do caso”**

Este tópico de análise foi aprofundado no item 2.1.2, o qual abordou sobre a Educação Inclusiva tanto na cidade de Bagé, quanto em relação a normas legislativas, as quais fundamentam e garantem a prática da inclusão, não só na “Escola do Caso Bola de Cristal”, como também nas demais instituições que desenvolvem seus trabalhos (ou tentam) envolvidos pelo viés de ensino-aprendizagem da diversidade.

Ressalto, ainda, a percepção (o que não é novidade) de certo distanciamento entre o que consta nos documentos oficiais (nota de rodapé 10) da escola e a prática dos professores em sala de aula (esta analisada no item abaixo).

Como dissertei e exemplifiquei no começo do trabalho, avalio de extrema importância a consideração da temática em questão na pesquisa, constituir os documentos oficiais, pois estes regem a instituição. É necessário, além disso, praticar o que dizem tanto o Regimento quanto o PPP em meio aos alunos, porque isso é algo que não depende somente de atitudes da direção, supervisão da escola ou ainda da própria SMED; requer, principalmente, uma (grande) contrapartida docente para aquilo que preceitua o papel exista de fato.

##### **4.2. As observações na “sala de aula do caso”**

Conforme foi introduzido (item 1) nesta pesquisa, foram observados 6 momentos de atividades em sala de aula<sup>17</sup> de Bola de Cristal, as quais serão analisadas uma a uma, conforme estruturação abaixo colocada, a partir das

---

<sup>17</sup> Ênfase que o diário de coleta de dados sobre as aulas observadas está nos Apêndices (item 7.1) deste trabalho.

perspectivas já abordadas (item 3) de Beyer (2005) e Carvalho (2000). Essas análises têm como objetivo colaborar com o ensino e aprendizagem do sujeito da pesquisa, pois este (quero sempre ressaltar isto) é o foco do trabalho. E, para que isso ocorra, trarei, primeiramente, o fato (aquilo que ocorre realmente) e em seguida o que enxergo a partir desse fato. Organizei esta escrita começando pelas disciplinas em que percebi mais barreiras à aprendizagem de Bola de Cristal, culminando com as duas últimas<sup>18</sup> em que pude ver “mudanças metodológicas e organizativas da sala de aula, de modo a criar um ambiente de aprendizagem mais rico para todos” (CARVALHO, 2000, p. 28).

#### 4.2.1. Matemática

Este foi o primeiro momento de observação para coleta de dados da pesquisa, tendo acompanhado dois períodos desta disciplina, das cinco aulas semanais. A docente responsável começa seu trabalho escrevendo alguns cálculos de raiz quadrada no quadro, como continuidade de conteúdo. A turma toda segue a atividade, menos Bola de Cristal. Surpreendo-me quando a cuidadora (iniciante na graduação do curso de pedagogia e cadastrada pela SMED para tal função na escola) pontilha as letras do alfabeto em uma folha para que Bola de cristal risque-as até completar o pontilhado. Enquanto isso, os demais colegas seguem realizando a tarefa proposta pela professora, vão até sua mesa perguntar se está correto o cálculo, enfim, há interação e preocupação na resolução do exercício, menos com Bola de Cristal.

Em um primeiro momento, questionei-me sobre o que estava acontecendo naquela aula ou se, para o sujeito da pesquisa poderia considerar, naquele momento, um espaço de aprendizagem. Preocupei-me! A docente esclarece-me, no final da aula, que quando há operações mais difíceis de serem realizadas, há um combinado com a cuidadora em de que Bola de Cristal fará outra atividade. Mas o que percebi, em um curto espaço de tempo, que está atividade é qualquer coisa menos algo relacionado à matemática. Perguntei a Bola de Cristal se tal prática se repetia seguidamente, o mesmo me respondeu afirmativamente. Em outro momento

---

<sup>18</sup> Neste momento, não considero na contagem o AEE por compreender que este já se constitui como um espaço onde, *a priori*, será diferenciado o olhar a Bola de Cristal. Credito fichas nas duas últimas disciplinas, porque estas fazem parte do currículo tradicional e têm aspectos diferenciados em relação às demais.

das observações, em que ele iria trabalhar com o livro, foi levado para assistir uma palestra que estava sendo proferida aos alunos de toda escola naquele dia.

Diante do que meus olhos presenciaram, fiz várias análises daquele momento, o qual, mediante questionamento ao interessado, repetia-se, ou seja, não foi um fato isolado. Então, pensei no docente e considerei sua demanda de carga horária, suas condições de trabalho, até na sua vida pessoal, como meio de encontrar alguma explicação, e, confesso que, como pesquisadora, considerei tais fatores para o estudo, mas, mesmo assim, acredito que a omissão perante Bola de Cristal não deva ser justificada por tais realidades.

Preocupa-me, porque quando li no Relatório do AEE (2014) que o sujeito da pesquisa “ainda precisa construir a noção de centena identificando os numerais acima de 100”, no meio do ano letivo de 2015 e no espaço que se destina a colaborar para tal dificuldade mencionada em documento oficial de avaliação escolar, Bola de Cristal seja negligenciado desse aprendizado para contornar letras do alfabeto, revolta-me.

Na Figura 2 e 3, abaixo, trago exemplos atualizados (do 3º trimestre), onde há escrito, no caderno do aluno em questão, exercícios referentes ao conteúdo, mas atividades datadas de agosto, sem serem realizadas pelo sujeito da pesquisa e sem correção. Observo que a letra no material é da cuidadora.

Figura 2

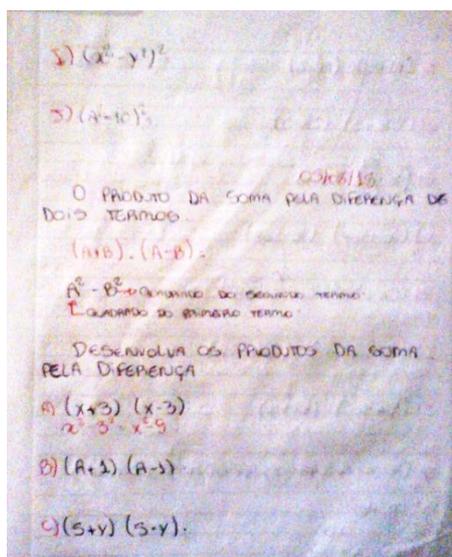
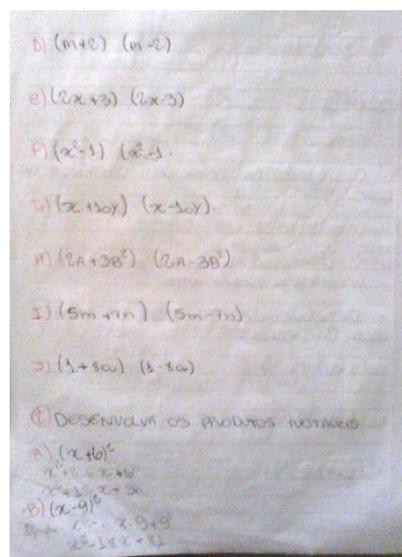


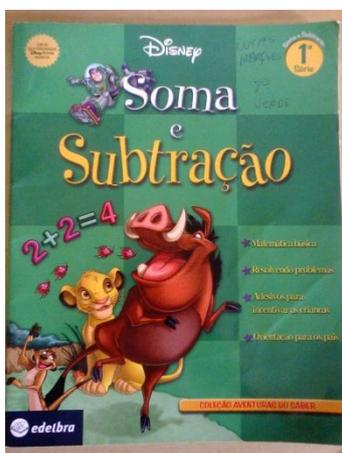
Figura 3



Fonte: Caderno de Bola de Cristal (2015)

Atualmente, Bola de Cristal realiza algumas atividades do livro exposto na Figura 4, o qual foi comprado pela família em uma feira do livro, pois este contém as noções básicas da matemática.

Figura 4



Fonte: Caderno de Bola de Cristal (2015)

Diante do fato mencionado, das leituras orientadoras desta pesquisa, percebo que há barreiras a serem desconstruídas em relação à maneira de enxergar, a partir da professora, o ensino e aprendizagem de Bola de Cristal. Com isto, é possível reconhecer características dos paradigmas à avaliação, citados em Beyer (2005), em suas práticas. E questiono, Bola de Cristal tem boas notas em seu boletim nessa disciplina, mas o que significam tais números diante do fato que aqui narro? É por um viés “sociológico” (Beyer, 2005) tal avaliação? É demasiadamente complexo afirmar categoricamente, mas identificar aproximações já denota caminhos para uma futura prática.

#### 4.2.2. Português

Pela ordem, este foi o segundo momento de observação em sala de aula e, assisti, das cinco aulas semanais, três períodos desta disciplina. Começo observando o comentário que a docente realiza sobre Bola de Cristal antes da entrada na sala, alertando-me de que ele é muito preguiçoso. Diante do contexto, entendo que o aluno não produz, conforme os parâmetros estipulados pela professora, caracterizando acentuada aproximação com o “paradigma crítico-materialista” (BEYER, 2005), o qual aborda a visão da avaliação a partir da utilidade para uma sociedade do consumo.

Continuando no relato dos fatos, chamo a atenção para a abordagem tradicional, descontextualizada e metalinguística da linguagem, a qual é desenvolvida pela docente em sala de aula. Pensando pelo viés das necessidades educacionais, conforme foi dissertado no item 3, tal visão padronizada da língua é uma maneira (subentendida) de padronização das pessoas, pois a linguagem é o que constitui o ser humano e revela o que somos. Questiono onde estão essas necessidades diante de uma metodologia que não contempla a especificidade?

Como enxergar a diversidade, compreender a demanda de Bola de Cristal, com uma postura tão tradicional de ensino e aprendizagem?

Abaixo nas Figuras 5 e 6, referente ao mês de agosto de 2015, portanto referente ao 3º trimestre, apresento exemplos do que disserto acima, como meio de exemplificação.

Figura 5

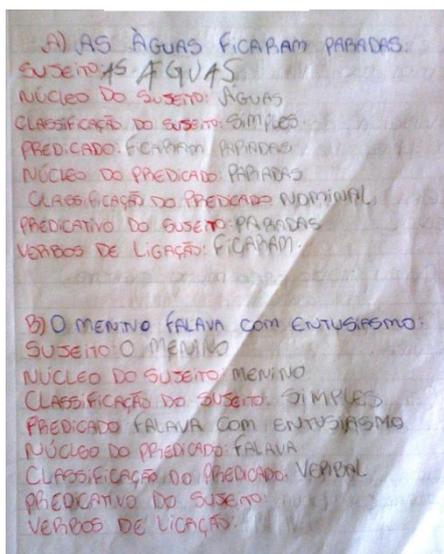
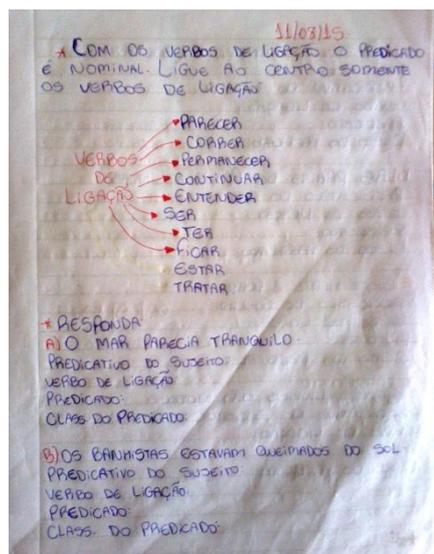


Figura 6



Fonte: Caderno de Bola de Cristal (2015)

Este exemplo corrobora com a prática observada na coleta de dados realizada para esta pesquisa, pois das aulas que assisti; uma tratou da temática dos porquês de forma oralizada e outra as vozes na linguagem, todas de forma tradicional, na perspectiva conteudista.

Ressaltando um trecho do Diário Reflexivo (item 7.1), onde analiso que, primeiro, Bola de Cristal não faz a mínima ideia do que discutiam durante a aula dos porquês. Segundo, é que efeito produz em qualquer aluno da turma corrigir um exercício em que a diferença das palavras em questão se dá somente na escrita e não na oralidade? Se eu DISSER “por que” separado, “porque” junto ou “porquê” com acento, há alguma diferença na fala? E que significação fará para Bola de Cristal a metodologia escolhida pela professora para abordar tal conteúdo com as características citadas acima?

No Relatório do AEE (2014), consta que “a professora (do AEE - grifo meu) sempre procura fazer a mediação na leitura, pois Bola de Cristal demonstra dificuldades nesta área, por também ser difícil articular as palavras e na

interpretação também, muitas vezes por questões de vocabulário e compreensão”. Pergunto, como Bola de Cristal e qualquer outro aluno participante dessa disciplina desenvolverá a habilidade da interpretação, compreensão das leituras, conforme prevê a avaliação (“paradigma sistêmico” (BEYER, 2005)) se a aula apresentada a eles não provoca a tal prática? Como estimular à leitura diante de uma aula metalinguística e repleta de regras normativas da língua? A dificuldade de Bola de Cristal, conforme avaliação institucional, não poderia ser reflexo de uma prática didático-metodológica engessada?

#### 4.2.3. Ensino religioso

Seguindo a ordem das observações, esta foi a terceira aula a ser assistida como forma de coleta de dados para a pesquisa.

Conforme consta no Diário Reflexivo (item 7.1), este momento de aprendizagem realiza-se após o intervalo (ou recreio) e a docente dispõe de somente uma aula semanal para tentar trabalhar os temas programados com a turma. Observei tal momento, como já foi comentado na introdução deste trabalho (item 1), por uma avaliação excelente no boletim escolar de Bola de Cristal e, como forma de verificação deste ótimo resultado, disponibilizei-me a conferir o motivo.

Diante do ambiente de aula que espera a docente, não há como desenvolver um trabalho de leitura, iniciativa do dia em que eu estava em sala de aula porque, simplesmente, a professora não é reconhecida pelos alunos como a responsável por determinado espaço. Eles não param para ouvi-la e esta não se impõe a ponto de acalmá-los.

Em relação ao que presenciei, analiso que na avaliação de Bola de Cristal sejam acentuadas as características do “paradigma sociológico” (BEYER, 2005), o qual contempla o aluno conforme sua aceitação no grupo social. Bola de Cristal, neste sentido, aprecia seus colegas, sentado em seu lugar, portanto, não está junto com os que movimentam o espaço da professora. Caracteriza-se, então, como um excelente aluno, conforme reza os documentos institucionais da escola. Diante disto, como compreender este dado? Qual a real aprendizagem? O que se espera destes 45 minutos semanais dedicados a esta disciplina, tendo as condições citadas acima? Será que este momento não deveria ser em outro horário?

Estes questionamentos são realizados olhando para o sistema vigente na escola, o qual é constituído por um currículo tradicional, dividido em pequenos espaços cronometrados para/de aprendizagem.

#### 4.2.4. Atendimento educacional especializado

Conforme as observações, este foi o quinto momento assistido, ao contrário da maioria, à tarde, turno inverso ao restante das aulas. Constitui-se em um espaço aconchegante, onde o aprendizado é estimulado por meio da música, jogos e atenção docente. Bola de Cristal não frequenta assiduamente tal momento, muito em função do deslocamento até a escola, por ser no turno inverso, mas no tempo em que participou do espaço e do momento do AEE, percebi que se mostrou mais concentrado nas atividades, pois as mesmas vão ao encontro de seus gostos. Não que deva ser feito somente o que o agrada, não é neste sentido, mas começar por esse caminho torna a aprendizagem deliciosa de ser realizada.

Neste pouco tempo, havia somente a interação de Bola de Cristal e a professora do AEE, até o final da aula, onde outro aluno foi entregue pela mãe e este fez companhia ao sujeito desta pesquisa.

Considero importante tal suporte no ensino e aprendizagem do aluno em questão, ponderando, conforme consta no Relatório do AEE (2014), ser Bola de Cristal “um ótimo aluno, alegre, amigo, participativo e que responde positivamente aos desafios propostos interagindo com o conhecimento de modo satisfatório”.

#### 4.2.5. Educação física

Na continuidade das análises de cada disciplina observada, esta também no turno da tarde, foi a sexta na lista das assistidas para a pesquisa. E, a partir de agora, dissertarei sobre as duas disciplinas, as quais observei, seja pelos comentários da cuidadora seja pelos da família, são considerados espaços que fazem a diferença na vida escolar de Bola de Cristal e não pelo motivo das demais: verificação em boletim escolar. Desde já, digo que acredito em práticas como tal quais as que explanarei na sequência, pois, sem fórmula mágica ou reinvenção do sistema escolar (muito utilizado como justificativa para a omissão), esses dois professores trabalham pelo viés da inclusão e, o que é melhor, sem teorizar sobre tal.

A Educação Física, por considerar substancialmente os movimentos do corpo, poderia ser a que mais impediria Bola de Cristal de interagir com a proposta de aula, mas não foi, pelo contrário, a docente não enxerga “barreiras à aprendizagem” (CARVALHO, 2000) desse aluno e o estimula da mesma forma que fez com os demais.

Em algumas de suas falas durante sua aula, a docente repreendia Bola de Cristal, orientando-o a mexer os ombros, movimentar seu corpo, conjuntamente ao grupo, sem problema algum com relação a sua aparência física, sem barreiras à sua deficiência. Neste dia, os alunos praticavam atletismo com o arremesso de pesos a distância e Bola de Cristal desempenhou tal atividade, com um peso um pouco menor em função da segurança no arremesso, mas com a mesma disciplina exigida pela professora a todos.

Diante deste fato, conversei com a família do sujeito da pesquisa e esta confirmou que a professora nunca criou barreiras no ensino e aprendizagem de Bola de Cristal, pelo contrário, sempre o incentivou a mexer-se e a participar com afinco dos espaços de educação física proporcionados pela instituição escolar.

#### 4.2.6. Geografia

Conforme introduzido no item 4.2.5, abordarei minha sexta e última observação na sala de aula de Bola de Cristal, ressaltando mais uma abordagem que visa à inclusão.

No dia em que assisti a esta aula, a turma havia saído para participar de uma palestra que seria proferida na escola, mas Bola de Cristal não foi junto com a sua turma porque já havia perdido uma aula de Geografia e o professor precisava recuperá-la. Enfim, o docente sentou ao lado do aluno em questão, comentou e exemplificou todo o conteúdo com toda a dedicação que o espaço proporcionou, afinal Bola de Cristal estava com o professor só para si.

Em conversa com a cuidadora, questionei-a se havia uma constante, em termos de dedicação aos alunos, no trabalho desempenhado pelo docente em aula. A mesma respondeu afirmativamente e salientou ainda que tal professor é muito querido entre os alunos. Com esta resposta, percebi que

para remover barreiras para a aprendizagem e para a participação (garantindo a todos essa acessibilidade) é preciso pensar em todos os

alunos enquanto seres em processo de crescimento e desenvolvimento e que vivenciam o ensino-aprendizagem segundo suas diferenças individuais. (CARVALHO, 2000, p. 61)

A prática escolar desse professor é uma prática de inclusão não só com as necessidades educacionais de Bola de Cristal, mas com as dos demais alunos, pois a postura desempenhada pelo docente revela sua preocupação com a aprendizagem. E este não faz acrobacias ou solta fogos de artifício em sala de aula, apenas considera o aluno, enxergando-o além da limitação, seja esta qual for.

#### **4.3. Os professores e o *Estranho Fichário*<sup>19</sup>**

*O cérebro humano arquiva tudo. Mas tudo mesmo! - insistem os sábios. O único transtorno em toda essa maravilha é que a gente vive perdendo as chaves do maldito arquivo...  
(Mario Quintana)*

O poeta traz a provocação ao esquecido que constantemente não sabe onde coloca suas chaves. E quais chaves? As que abrem portas? Quais portas? As portas das ideias, dos caminhos, das possibilidades, essas que podem revelar um mundo? E qual é o empecilho para usá-las? Não se sabe onde elas estão? E como abrir o arquivo, então? Como transpor tal barreira?

Acredito que este último seja um questionamento que permeia (ou deveria) a vida docente constantemente, talvez não exatamente com essas palavras, mas com sentido semelhante. Um exemplo dessa transposição é quando o professor se pergunta como fazer algo em sala de aula, de que forma abordar determinado assunto. Considero, este tipo de interpelação em relação à prática docente, o começo do desmoronamento de barreiras, pois “penso que - na sociedade em geral, e nas comunidades escolares, em particular - as mais significativas são as barreiras atitudinais” (Carvalho, 2000 p. 58), principalmente, porque compreendo que “as dificuldades se transformam em problemas na medida em que não sabemos, não queremos ou não dispomos de meios para enfrentá-las” (Carvalho, 2000 p. 58).

Diante disto, dos entraves da profissão e seu contexto, não considero negativo o medo, o pavor que possa vir a sentir o docente quando defrontado com a diversidade da sua sala de aula e precisar “fazer do azedo limão, uma doce

---

<sup>19</sup> Nome do poema que está na epígrafe do texto.

limonada”<sup>20</sup>. Entendo, sim, como omissão, ver e, mesmo assim, não querer enxergar as especificidades que circundam esse espaço de ensino-aprendizagem,

[...] pois a predisposição dos professores frente à diversidade tem um papel decisivo na compreensão das diferenças individuais, em sua aceitação e respeito, criando, removendo ou intensificando os obstáculos existentes. (Carvalho, 2000 p. 59).

Considerando a importância docente para a diversidade, esta pesquisa preocupou-se em também ouvir o que o professor, ao qual teve sua prática observada para a coleta de dados, teria a dizer sobre o contexto analisado. Para isto, foi pensada uma entrevista semi-estruturada<sup>21</sup> e enviada aos docentes em questão, no entanto, apenas o professor de geografia a respondeu.

O que pensar a respeito do silêncio dos demais? Posso cogitar muitas respostas subentendidas, as mais diversas. Por isso, começo ponderando a turbulenta carga horária que possui um professor (o que realmente é desumano), a falta de intimidade do profissional com as tecnologias, visto que o questionário foi entregue via *e-mail*, e até mesmo a falta de interesse no assunto, por que não? O que penso é que a ausência de respostas é uma resposta, pode ser a chave perdida do maldito arquivo, aquele que pode abrir um mundo de possibilidades à diversidade e ao mesmo tempo de incomodações e perturbações. É o bônus e o ônus caminhando, inseparavelmente, por toda a trajetória não só profissional, mas também de vida no seu sentido mais amplo.

Mas, considerando o professor que respondeu, conforme a análise de suas aulas (item 4.2.6), não esperava outra atitude deste profissional, visto o que foi observado.

Diante deste dado, o docente em questão, reconhece suas dificuldades em acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem de Bola de Cristal, muito em função da sua pouca carga horária com a turma - pois os momentos são de 45 minutos, com dois períodos semanais, resulta em apenas 1h30min em sala de aula<sup>22</sup>. Conta com o apoio do AEE da escola, buscando orientação em como

---

<sup>20</sup> Analogia utilizada por meio de um jargão popular que tem como sentido transformar uma situação ruim em algo bom.

<sup>21</sup> Esta se encontra no Apêndice (item B) deste trabalho.

<sup>22</sup> Diante desta somatória, esclareço ainda que Bola de Cristal apenas participa de uma aula desse professor durante a semana, pois um dos horários do período de geografia começa às 11h05min e o sujeito da pesquisa retorna para sua casa às 11h (horário em que o transporte escolar o pega na escola). Portanto, ele fica somente 45 minutos semanais nessa disciplina.

proceder e para aplicação das avaliações. Metodologicamente, parte das dúvidas que Bola de Cristal apresenta em aula e o avalia por sua participação, seu envolvimento com as temáticas propostas em aula, exigindo-o no mesmo nível dos demais alunos.

Estas são respostas oferecidas mediante a aplicação da entrevista a distância, mas, quando defrontadas com as observações *in loco*, ganham mais sustentabilidade, pois o docente aborda a realidade da sua prática, principalmente, quando reconhece sua limitação diante da diversidade que o envolve, sem deixar de andar em meio às barreiras.

Compreendendo que a avaliação é o reflexo de uma prática, e, diante do que exponho acima, essa “pode [...] constituir-se [...] em uma oportunidade para cristalização de processos de preconceito e rejeição social, caso não seja bem conduzida” (BEYER, 2005, p. 96). Por isso a importância de abordar o olhar do professor de geografia em relação a Bola de Cristal, porque, por mais que o relógio dificulte o trabalho, esse profissional faz uma substancial diferença em seu meio, considerando a acuidade pertencente à docência no processo de inclusão.

Ressalto, também, o trabalho desenvolvido pela professora de educação física, esta não respondeu a entrevista, porque acredito que ela contemple a primeira ponderação exposta no começo deste texto, mas sua prática reflete o entendimento que tens sobre Bola de Cristal e suas habilidades.

Enfim, o que pretendo deste capítulo é chamar a atenção para as práticas em desenvolvimento na “escola do caso”, estejam estas percorrendo o caminho da inclusão ou ainda à sombra das barreiras, pois a

[...] realidade tem se mostrado muito contraditória a esse respeito, porque, ao lado de muitos educadores que se mostram receptivos e interessados na presença do aluno com deficiência em suas salas, há os que temem, outros que a toleram e muitos que a rejeitam. (CARVALHO, 2000, p. 28).

## 5. “O FIM DO CASO” (?)

*[...] Nada se consegue voando  
Para se escapar deste globo  
Que te aprisionou ao nascer.  
E há que confessar esperando  
Que o amor e o entendimento  
Vêm de baixo, se levantam  
E crescem dentro de nós  
Como cebolas, azinheiras  
Como tartarugas ou flores,  
Como países, como raças,  
Como caminhos e destinos.  
(Pablo Neruda)*

Considerando que as “maiores” conquistas advêm (às vezes) das mais penosas batalhas; que nada, como esclarece o poeta, é alcançado “voando”, caminhando só por avançar, sem ter objetivo; que em muitas situações o essencial “vêm de baixo, se levanta e cresce dentro de nós”, desconstruindo barreiras para alçar voos maiores, é que conduzo ao final o “caso Bola de Cristal”.

Diante de tudo que foi refletivo, questionado, analisado em relação a vida escolar do sujeito desta pesquisa, a qual considerou o bom resultado quantitativo de suas avaliações em determinadas disciplinas, entendo que o próximo voo na história de Bola de Cristal será explorar os céus de um maior desenvolvimento da sua autonomia enquanto aluno, cidadão, ser humano, tanto na escola, como na família. Deverá, para isso, contar com as pessoas que compõe tais círculos de convívio para que o ajudem a desbravar as atuais e futuras etapas em sua vida, ressaltando sempre que a deficiência não é um empecilho à independência.

Estes princípios colocam, portanto, novos desafios às escolas ou, simplesmente o enfrentamento de questões antigas, que ainda não foram atendidas ou que não o foram adequadamente. Para dar conta disto, surgem as possibilidades pedagógicas que tentam operacionalizar este direito de todos à educação, propostas que, em sua maioria, aparecem como novas - “notícias de diferença” - pelo fato de que ainda não fazem parte de nosso atual paradigma de organização e gestão do ambiente escolar. (BRIZOLLA, 2007, p. 173)

Por isso, ressalto, que a instituição onde Bola de Cristal está matriculado e desenvolvendo seus estudos tem por obrigação auxiliá-lo nesse processo, provocando os professores a conversarem mais sobre suas práticas, encorajando-os a enfrentar suas próprias barreiras em relação ao processo de ensino e aprendizagem, visando um maior amadurecimento na vida docente, e, no caso do

sujeito desta pesquisa, enxergá-lo além do “paradigma sociológico” (BEYER, 2005), pois compreendo que de todos os citados pelo autor, este, seja o que mais destaque nas avaliações de Bola de Cristal, porque o mesmo não demonstra resistência, dificuldade em relacionar-se com quem quer que seja, caracterizando-se como o “bom aluno”, “o que não dá problema, porque não incomoda”, mas ao mesmo tempo, não tem o suporte necessário para enfrentar suas próprias barreiras à sua aprendizagem. Com base nisto, percebo que as

[...] principais dificuldades em relação ao processo de educação inclusiva residem, primeiramente, em dilemas de compreensão, organização e atuação, sejam legisladores, professores ou quaisquer outros envolvidos, em função de nossas próprias limitações e do contexto que produzimos e que foram produzidos em nossas escolas. (BRIZOLLA, 2007, p. 175)

Outrossim, é importante, ainda pensando nas relações da escola, aproximar os laços entre os professores do AEE com os demais docentes da instituição, através do diálogo, da troca, da conversa, como um meio de romper as barreiras que limitam e atrofiam a expansão do conhecimento, porque não há limitações que impeçam a capacidade e a inteligência de Bola de Cristal de crescer, amadurecer.

## REFERÊNCIAS

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola:** de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011.** Atendimento Educacional Especializado. Brasília, 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Brasília, DF: MEC/SEESP, 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei n. 9.394/96.** Brasília, DF: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008. (Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008).

BRIZOLLA, Francéli. **Políticas Públicas de Inclusão Escolar:** “negociação sem fim”. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre: 2007. v. 2.

CARVALHO, Rosita E. **Removendo barreiras para a aprendizagem:** uma educação inclusiva. Porto Alegre: Mediação, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Aline Q. **Gestão do Atendimento Educacional Especializado na rede municipal de Bagé na construção da inclusão escolar.** Relatório Crítico Reflexivo (Mestrado Profissional em Educação). Universidade Federal do Pampa, Jaguarão: 2014.

JANNUZZI, Gilberto M. **A educação do deficiente no Brasil:** dos primórdios ao início ao século XXI. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTÍN, M. C.; JÁUREGUI, M. V. G.; LÓPEZ, M. L. S. (Orgs.). **Incapacidade Motora:** orientações para adaptar a escola. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MAZZOTA, Marcos José da Silveira. **Deficiência, educação escolar e necessidades especiais:** reflexões sobre inclusão socioeducacional. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002. (Cadernos de Pós-Graduação; 7)

NERUDA, Pablo. **O coração amarelo.** Neftalí Ricardo Reyes; tradução de Olga Savary. Porto Alegre: L&PM, 2012.

QUINTANA, Mario. **Na volta da esquina.** Porto Alegre: Editora Globo, 1979.

\_\_\_\_\_. **A vaca e o hipogrifo.** 4ª Ed. Porto Alegre: L&PM, 1983.

SASSAKI, Romeu. **Vida Independente**: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos. São Paulo: RNR, 2003, p. 12-16.

SOBRINHO, F. P. N.; NAUJORKS, M. I. (Org.). **Pesquisa em educação Especial**: o desafio da qualificação. Bauru: EDUSC, 2001.

## **APÊNDICES**

### **A) DIÁRIO REFLEXIVO SOBRE OBSERVAÇÃO NA SALA DE AULA DE BOLA DE CRISTAL**

**Data: 16/06/15**

**Período: 1º (07:50 – 08:35)**

**Disciplina: Matemática**

Quando chego à sala no primeiro dia de observações, percebo que há cuidadora<sup>23</sup> para Bola de Cristal. Esta organiza o caderno do aluno e faz o exercício por ele sem comentar nada com o interessado. Já a professora, atende aos alunos que se aproximam dela com dúvidas sobre os exercícios.

No transcorrer na aula, a cuidadora prepara uma atividade para o Bola de Cristal; contornar as letras do alfabeto, as quais ela mesma pontilhou no caderno do aluno. Uma ação sem nenhum nexos com a proposta da aula de matemática. Ressalto que a monitora tem um bom relacionamento com o estudante, conversa bastante com ele em aula.

No final do período, a professora veio conversar comigo e relatou-me que há um combinado entre ela e a cuidadora em relação aos cálculos mais difíceis. Quando há uma atividade mais complexa em aula, Bola de Cristal faz outra coisa, por exemplo, hoje foi assim, os cálculos eram muito complicados, então, a menina que acompanha o aluno preparou um exercício. Entendo que a cuidadora preocupou-se com Bola de Cristal, mas a atividade era para sublinhar letras do alfabeto. Pergunto, neste caso, qual a relação disto com as expressões de raiz quadrada que a professora passou no quadro para resolução?

Entendo que há muitos fatores a serem analisados, considerando ser este o primeiro período de observação, mas não houve nenhuma preocupação pedagógica da docente com Bola de Cristal em sala de aula.

**Data: 16/06/15**

**Período: 3º (09:20 – 10:05) – antes do intervalo**

**Disciplina: Português**

Já e conversa com a professora até a sala de aula, a mesma relatou-me que Bola de Cristal é um bom aluno, mas é muito preguiçoso.

---

<sup>23</sup> Projeto desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Bagé como uma das formas de inclusão dos alunos com deficiência.

Em aula, a docente escreve o conteúdo no quadro, mas no caderno de Bola de Cristal quem anota não é ele, mas sim a cuidadora. Enquanto isto, o aluno permanece contornando as letras que ainda faltam do alfabeto. Mais uma vez, ele continua descontextualizado da proposta de aula para a turma.

Na correção do exercício realizado pela turma, o uso dos porquês, a professora repassa as respostas oralmente. Primeiro, Bola de Cristal não faz a mínima ideia do que estão falando em aula. Segundo, que efeito produz em qualquer aluno da turma corrigir um exercício que a diferença nas palavras em questão se dá somente na escrita e não na oralidade? Se eu DISSER “por que” separado, “porque” junto ou “porquê” com acento, há alguma diferença na fala?

Diante da proposta de aula preparada pela professora à turma, a docente aproxima-se de Bola de Cristal para cobrar da cuidadora que ele deve escrever em seu caderno e não ela.

Seguindo a linha das atividades da aula, a professora propõe um ditado como forma de aprendizagem da escrita de algumas palavras para a turma, mas Bola de Cristal segue realizando a atividade anterior e não consegue acompanhar a que está acontecendo no momento. Entendo que se o aluno (Bola de Cristal) acompanhar ou não, não há diferença, nem preocupação com este fato.

**Intervalo: (10:05 – 10:20)**

Bola de Cristal vai para o refeitório lanchar, enquanto os demais colegas vão para o pátio da escola.

**Data: 16/06/15**

**Período: 4º (10:20 – 11:05) – depois do intervalo**

**Disciplina: Ensino Religioso**

Por se tratar da aula posterior ao intervalo, os alunos chegaram com acentuada agitação na sala e a professora tentou começar sua aula com a leitura de um texto sobre os idosos. Bem, a proposta de concentração para leitura silenciosa não deu muito certo com a turma, e com Bola de Cristal? A cuidadora tentou ler em voz alta para ele, mas o barulho impedia o entendimento. Em seguida, um grupo de alunos dirigiu-se a frente da sala e relatou sua experiência com um grupo de idosos no asilo e encerrou-se o período.

**Data: 17/06/15**

**Período: 3º (09:20 – 10:05) – antes do recreio**

**Disciplina: Português**

Cheguei à sala de aula e Bola de Cristal contornava as letras do alfabeto, esta atividade estava sendo feita na aula anterior que era de matemática.

Seguindo a aula de Português, a professora neste dia decidiu ditar várias frases para os alunos para que os mesmos identificassem-nas em relação as vozes ativa, passiva ou reflexiva. Chamo a atenção para o detalhe da oralização dos conteúdos em sala de aula. Após ditar o exercício, a professora pediu o caderno de Bola de Cristal à cuidadora e redigiu um exercício sobre o conteúdo que estava abordando (vazes) para que o referido aluno desenvolvesse em aula. Ressalto que ela mesma veio explicar a atividade a Bola de Cristal, repassando o restante das orientações à cuidadora.

Durante a realização do exercício, a menina auxilia Bola de Cristal e este tem bastante dificuldade para ler, mesmo assim, cumpre toda a atividade, porém, o discente possui uma aguda facilidade para dispersar, tem pouca concentração, todos os movimentos em aula chamam-lhe a atenção.

A professora corrigiu o que propôs em aula, fez alguns comentários com a cuidadora e se interessou por Bola de Cristal naquele dia. Percebo, assim, que minha presença em aula fez com que a docente se aproximasse do seu aluno. Em seguida, ela me pergunta o que poderia fazer com Bola de Cristal, eu não respondo nada naquele momento porque entendo não ser, naquela hora, o melhor espaço para a minha intervenção, afinal, eu estava apenas observando como as coisas acontecem de fato na sala de aula e não como a minha intervenção pode auxiliar ou não no trabalho docente naquele momento específico.

Seguindo com a observação da proximidade desempenhada pela professora com Bola de Cristal, ela escreve no caderno dele os conceitos das vozes (ativa, passiva e reflexiva) e passa mais um exercício este agora é para ligar as frases aos entendimentos teóricos do conteúdo já explicados.

Enfim, diante de uma aula de linguagem extremamente tradicional, sem sentido, sem proposta, metalinguística somente, considero positivo, pelo menos, a proximidade que a minha presença em sala de aula forçou a docente a exercitar diante de Bola de Cristal.

**Data: 17/06/15**

**Período: (15:15 – 16h)**

**Disciplina: Atendimento Educacional Especializado (AEE)**

A professora começa trabalhando a música “Aquarela” de Toquinho com Bola de Cristal. Coloca-o para escutar o som com fones na frente do computador. Ela repete o vídeo para ele assistir e identificar os desenhos que aparecem na tela.

Em nenhum momento a letra foi trabalhada, mas noções de forma e, posteriormente, um jogo que tem por função estimular o raciocínio de Bola de Cristal.

Quase no final da aula, a mãe de outro aluno, este com autismo, bate à porta para deixar o menino na AEE, mas, lembrada pela professora, dá-se conta de que está no dia errado, mesmo assim, insisti em deixá-lo. A professora o traz até a mesa junto com Bola de Cristal e numa tentativa frustrada tenta dar seguimento ao exercício interrompido, sem sucesso, visto que Bola de Cristal possui certa dificuldade em concentrar-se.

Não sei o quanto este dado é relevante para minha pesquisa ou não, mas me chamou atenção a forma como a mãe daquele menino deixou-o no AEE; creche. Não respeitou o espaço do outro aluno (neste caso Bola de Cristal) e simplesmente interrompeu o momento, largou o menino no local e saiu.

**Data: 17/06/15**

**Período: (16h – 17:30)**

**Disciplina: Educação Física**

A aula foi sobre atletismo e a professora fez com que Bola de Cristal desenvolvesse todas as atividades que os demais colegas realizaram, estimulando-o a movimentar-se com o corpo, sem o receio de cobrá-lo pela aparência física. A docente observa-o de perto e o incentiva a fazer os exercícios.

O interessante é perceber que justamente a professora que poderia ter mais receio em dar aula para Bola de Cristal é a mais destemida porque o estimula a realizar as atividades como qualquer outra pessoa, sem focar na deficiência que ele tem. Isto, pra mim, é fantástico!

**Data: 18/06/15**  
**Período: 2º (08:35 – 09:20)**  
**Disciplina: Geografia**

Neste dia, a turma foi levada para assistir uma palestra sobre a prevenção às drogas no salão da escola. Bola de Cristal não foi, porque o professor pediu que ficasse para recuperar a aula de terça-feira, a qual o aluno sai mais cedo em função da van que o transporta, pegá-lo às 11h.

Pois bem, o docente sentou à mesa com Bola de Cristal, leu o texto com ele, explicou sobre capitalismo e socialismo com toda a paciência e atenção, escreveu no caderno do aluno para exemplificá-lo e o fez escrever também.

Percebi que diante de toda a dedicação do professor com Bola de Cristal, este dispersava em algumas vezes e perdia a atenção à explicação que estava recebendo. Talvez se o docente utilizasse imagens, como fez a professora do AEE, ele focasse mais nas atividades.

Sugeri isto ao professor em uma conversa informal nos corredores, referenciando que isto havia sido feito na aula de AEE e que havia dado certo.

Este professor é muito dedicado não só a Bola de Cristal, mas aos seus alunos. É muito bom ver o quanto a sala de aula é importante para este docente e também vê-lo reconhecer o Lucas como sujeito atuante na turma.

**Data: 18/06/15**  
**Período: 3º (09:20 – 10:05) – antes do intervalo**  
**Disciplina: Matemática**

Hoje, a professora pediu à cuidadora que pegasse o livro didático para Bola de Cristal com a argumentação de que ele não poderia ficar sem nada para copiar em aula. Mas, enquanto a menina foi buscar a chave, a funcionária veio buscar Bola de Cristal para ele assistir à palestra, a qual ele havia perdido para recuperar a aula de geografia.

Resumindo, no dia em que a professora de matemática interessou-se um pouco mais por Bola de Cristal, o mesmo precisou sair da aula para outra atividade.

## **B) QUESTIONAMENTOS AOS PROFESSORES - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA:**

1. Como que percebes o desenvolvimento/aprendizagem do aluno Bola de Cristal em sala de aula?

*Tenho certa dificuldade para acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem de Bola de Cristal, muito embora perceba que, normalmente, ele presta atenção nas explicações e fica com dúvidas, solicitando explicações adicionais.*

2. Quando preparas tuas aulas, planejas alguma adaptação/flexibilização da proposta para o aluno Bola de Cristal?

*Dado o tempo reduzido de cada aula, só consigo preparar algo específico para Bola de Cristal quando entrego algum material impresso, tal como faço nas avaliações. Durante as aulas, tento sempre conversar com ele e explicar individualmente usando exemplos e analogias.*

3. Quais os apoios que a escola disponibiliza para o professor que atende o aluno Bola de Cristal?

*Temos o apoio do AEE, mas que infelizmente, por outras circunstâncias que estão além da alçada da escola, não é contínuo. Também temos a disponibilidade de equipamentos para preparação e impressão de material, mas infelizmente a escola não conta com nenhum dispositivo ou mesmo publicações específicas para PNE.*

4. Qual é a relação que existe entre a tua prática com o aluno Bola de Cristal e o serviço de Atendimento Educacional Especializado (AEE)? Quais atividades são compartilhadas entre a sala de aula comum e este serviço especializado?

*Procuro sempre buscar orientação junto ao AEE sobre a forma mais adequada de trabalhar com Bola de Cristal. Em trabalhos e avaliações, sempre adapto o material, não apenas na forma, mas às vezes no conteúdo (buscando sempre manter o nível de exigência cobrado aos demais).*

5. Qual é a metodologia que utilizas para contribuir com a aprendizagem de Bola de Cristal na sala de aula?

*Como não tenho nenhum tipo de formação para trabalhar com PNE, parto sempre das dúvidas manifestadas por Bola de Cristal. Busco imagens (fotos, mapas, gráficos), faço comparações e tento estabelecer relações com eventos cotidianos para que possa atendê-lo da melhor maneira, dentro das minhas limitações.*

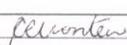
6. Como avalia o aluno Bola de Cristal e como acompanha o rendimento do mesmo em sala de aula?

*Avalio pela sua participação, principalmente quando manifesta suas dúvidas, e também pelas atividades que são comuns aos demais. Habitualmente os testes e provas são respondidos por Bola de Cristal com auxílio do atendimento do AEE, pois dentro da sala é um tanto quanto complicado dedicar atenção exclusiva ao Bola de Cristal durante este período.*

**Se possível, responder até o dia 22/08/2015 para o e-mail  
[d.coutopereira@gmail.com](mailto:d.coutopereira@gmail.com)**

### C) BOLETINS TRIMESTRAIS:

#### Boletim 1º Trimestre

PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ EMEF DR ANTENOR G PEREIRA GOMES CARNEIRO, R. 1455 - CENTRO BAGE - RS 32471018 emefgeteco@hotmail.com - http://www.bage.rs.gov.br								BOLETIM DE DESEMPENHO PRIMEIRO TRIMESTRE Nome: LUCAS DE OLIVEIRA MARQUES Curso: 2 - ENSINO FUNDAMENTAL 09 ANOS Código Aluno: 2729 Matrícula: 95499 Etapa: 8º ANO Ano: 2015 Turma: 8º- ANO- MANHÃ-VERDE Situação: REMATRICULADO							
Disciplina	1º TRIM		2º TRIM		3º TRIM		NF	NP	Frequência				Resultado Final		
	AVAL.	FT	AVAL.	FT	AVAL.	FT			AD	TF	FA	% Freq	Aprov.	RF	
CIENCIAS	70						70	70	50		0	100			
EDUCACAO ARTISTICA	100						100	100	40		0	100			
EDUCACAO FISICA	89						89	89	40		0	100			
ENSINO RELIGIOSO	95						95	95	14		0	100			
ESPAÑHOL	70						70	70	14		0	100			
GEOGRAFIA	72						72	72	25		0	100			
HISTORIA	62						62	62	30		0	100			
MATEMATICA	85						85	85	50		0	100			
PORTUGUES	63						63	63	55		0	100			
<b>Mínimo para Aprovação Anual: 60.00</b>															
Observações / Mensagens															
*São as nossas decisões e não as condições de nossas vidas, que determinam nosso destino.* Dr. Cláudio Dusik															
TF - Total Faltas   AD - Aulas Dadas   FA - Faltas Abonadas															
 Professor Conselhoiro															

#### Boletim 2º Trimestre

PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ EMEF DR ANTENOR G PEREIRA GOMES CARNEIRO, R. 1455 - CENTRO BAGE - RS 32471018 emefgeteco@hotmail.com - http://www.bage.rs.gov.br								BOLETIM DE DESEMPENHO SEGUNDO TRIMESTRE Nome: LUCAS DE OLIVEIRA MARQUES Curso: 2 - ENSINO FUNDAMENTAL 09 ANOS Código Aluno: 2729 Matrícula: 95499 Etapa: 8º ANO Ano: 2015 Turma: 8º- ANO- MANHÃ-VERDE Situação: REMATRICULADO							
Disciplina	1º TRIM		2º TRIM		3º TRIM		NF	NP	Frequência				Resultado Final		
	AVAL.	FT	AVAL.	FT	AVAL.	FT			AD	TF	FA	% Freq	Aprov.	RF	
CIENCIAS	70		80				75	75	100		0	100			
EDUCACAO ARTISTICA	100		100				100	100	22		0	100			
EDUCACAO FISICA	89		70				80	80	80		0	100			
ENSINO RELIGIOSO	95		100				98	98	28		0	100			
ESPAÑHOL	70		60				65	65	29		0	100			
GEOGRAFIA	72		88				80	80	50		0	100			
HISTORIA	62		72				67	67	60		0	100			
MATEMATICA	85		75				80	80	105		0	100			
PORTUGUES	63		65				64	64	110		0	100			
<b>Mínimo para Aprovação Anual: 60.00</b>															
Observações / Mensagens															
*São as nossas decisões e não as condições de nossas vidas, que determinam nosso destino.* Dr. Cláudio Dusik															
TF - Total Faltas   AD - Aulas Dadas   FA - Faltas Abonadas															
Professor Conselhoiro															

Fonte: Boletins Escolares (2015)

## D) RELATÓRIO DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE):

### Atendimento Educacional Especializado

#### Relatório 2014

**Aluno:** Bola de Cristal (BC)

**Ano:** 7<sup>o</sup>

(BC) é um ótimo aluno, alegre, amigo, participativo e que responde positivamente aos desafios propostos interagindo com o conhecimento de modo satisfatório.

(BC) teve acompanhamento de cuidadora por um período durante o ano letivo e depois ficou sem, mas isso não interferiu no seu bom desempenho, pois a turma e os professores conseguiram dar o apoio de que (BC) precisava.

Também recebeu apoio no AEE no mesmo turno sempre que precisava realizar trabalhos individuais ou avaliações onde sempre conseguiu acessar o conhecimento a partir das adequações necessárias.

A professora sempre procura fazer a mediação na leitura, pois (BC) demonstra dificuldades nesta área, por também ser difícil articular as palavras e na interpretação também, muitas vezes por questões de vocabulário e compreensão.

Na área do raciocínio lógico-matemático, (BC) ainda precisa construir a noção de centena identificando os numerais acima de 100.

É um aluno que demonstra bom desempenho e que avança para o 8º ano com as adequações necessárias ao seu desenvolvimento cognitivo.